

O megaevento: a Parada Gay de São Paulo¹

*Fernando Estima de Almeida²
Maristela de Souza Goto Sugiyama³*

Resumo: Este artigo traz reflexões inter-relacionando a Parada do Orgulho Gay de São Paulo, como as áreas de comunicação e entretenimento. O evento na sua última edição levou para as ruas de São Paulo, 3 milhões de pessoas e pode ser considerada hoje uma das maiores manifestações mundiais da diversidade. A Parada é responsável pelo aumento da tolerância relacionada com a Comunidade GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) tornando a cidade de São Paulo um pólo de respeito à diversidade. A comunidade gay ganhou com suas lutas e conquistas, particularmente no âmbito do cumprimento às leis, importante canal de exercício de cidadania e está cada dia mais consciente de seu papel de agente transformador. Outro elemento de real importância é o incremento ao turismo que apresenta resultados significativos para a economia da cidade. Neste trabalho também propomos uma discussão sobre os papéis dos personagens da hospitalidade (anfitriões e hóspedes) no cenário da Parada Gay.

Palavras-chave: Eventos; Diversidade; Entretenimento; Parada Gay.

A Parada Gay de São Paulo completa em 2008 12 anos e chama atenção pela grande quantidade de pessoas, que são atraídas para o evento. A imprensa brasileira, citando fontes relacionadas com a polícia, que no Brasil é responsável pela medição de público, em manifestações de grande porte como essa. Aponta números que passam dos dois milhões de pessoas. Além da quantidade de participantes, outro fato merece reflexão. A celebração do dia do orgulho gay em São Paulo foi se transformando, com amadurecimento das edições, e um grande cenário de encontro de várias tribos urbanas, e com a presença de famílias inteiras, numa exacerbação da diversidade.

E como já havia acontecido com outras paradas ao redor do mundo, o evento também atrai centenas de turistas para a cidade de São Paulo. As paradas no planeta são

¹ Trabalho apresentado DTH Divisão Científica Destinos Turísticos e Hospitalidade. DTH 06 Eventos e Megaeventos

² SENAC. E-mail: fernando.ealmeida@sp.senac.br

³ SENAC. E-mail: maristela.sgsugiyama@sp.senac.br

organizadas para celebrar o orgulho gay, que é comemorado, no dia 28 julho. A data marca o levante, na bar *Stone Walll*, no *Village*, bairro de Nova York, quando gays, lésbicas e travestis, no final da década de 60, resistiram as constantes chantagem da polícia e autoridades, que cobravam propinas para o estabelecimento funcionar. Os frequentadores do bar criaram barricadas e resistiram durante uma semana, provocando uma mudança de comportamento, o ano 1969 e havia uma ebulição social, protestos contra a Guerra do Vietnã, a Primavera de Praga, Movimentos feministas e hippie e *black power*, os protestos em *Stone Wall* estavam inseridas neste contexto.

Este trabalho também traz alguns conceitos sobre a Diversidade, estudado sobre o prisma da cultura, patrimônio, meio ambiente e hospitalidade.

Para definir o conceito diversidade trouxemos alguns autores. Segundo Reinaldo S. Bulgarelli, educador e diretor-executivo da AMCE Negócios Sustentáveis, “diferentes queremos assim continuar e não deixar que a igualdade nos descaracterize. Iguais, queremos também assim permanecer e ainda ampliar essa igualdade perante a lei, nossa igualdade jurídica, formal, para não permitir que nossas diferenças nos inferiorizem uns em relação aos outros”.

É isso que se teme, que as diferenças sejam um pretexto para desigualdades e questões físicas ou outras tantas diferenças, sejam relevantes e determinem o tipo de relação com a sociedade. Os estereótipos levam a preconceitos e discriminações que são prejudiciais, piorando a qualidade de vida em sociedade..

Há algumas dificuldades ao iniciar a discussão sobre diversidade, pois este tema possui diversos conceitos, entre eles, a diversidade cultural, que garante para cada cultura uma identidade distinta, e elas formam os diferentes grupos que compõem a humanidade, que precisam ter uma relação de harmonia entre eles e respeitarem suas idéias.

Quando se fala de patrimônio cultural, é apontado que a luta para a proteção e a garantia das culturas ameaçadas transforma-se em dever de cidadania. Cada cultura possui uma dignidade e um valor que devem ser respeitados e preservados.

A diversidade cultural apresenta um duplo desafio: assegurar a co-existência harmoniosa entre indivíduos e grupos de culturas diferentes enquanto defende a criatividade por meio de inúmeras expressões culturais de todos os países, estas denominadas como "criação contemporânea" e "patrimônio cultural. (Disponível em: http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/diversidadecultural/index_html/mos

tra_documento. Acesso em: 13 de Junho de 2007).

Diversidade significa pensar a relação entre o eu e o outro, e ao considerar o outro o diferente, não se deixa de focar a atenção sobre o nosso grupo, história e povo. Ou seja, se fala o tempo inteiro em semelhanças e diferenças.

Para que haja uma comparação, deverá sempre existir pessoas ou coisas diferentes. Geralmente comparam-se pessoas com padrões e normas vigentes ao nosso grupo cultural, ou seja, próximo da visão mundial. Esta comparação pode ser de comportamento, inteligência, esperteza, beleza, cultura, linguagem, religião, política, classe social, raça, gênero, idade, entre outros.

A diversidade pode ser percebida tanto na prática como também ser construída ao longo do processo histórico, nas relações sociais e nas relações de poder, muitas vezes grupos humanos tornam o outro grupo diferente para fazê-lo inimigo, para dominá-lo. (Gomes, 1999)

A diversidade não pode ficar restrita a análise de um determinado comportamento ou de uma resposta individual. Ela precisa incluir e abranger uma discussão política, pois diz respeito às semelhanças estabelecidas entre os grupos humanos e por isso mesmo não estará fora das relações de poder. Diz respeito também aos padrões e aos valores que regulam essas relações.

É um engano pensar que a luta pelo reconhecimento da diferença é algo próprio desse final de século. É fato que a globalização, as políticas neoliberais e o ressurgimento dos nacionalismos, recolocam a questão da diversidade. Também sempre estiveram próximas as diferentes respostas do poder em relação às demandas dos diferentes, respostas que muitas vezes, resultam em formas violentas e excludentes de se tratar o outro: colonização, inquisição, cruzadas, escravidão, nazismo, etc.

A diversidade cultural é um comportamento humano, ela é constituinte da nossa formação humana, pois somos sujeitos sociais, históricos, culturais e por isso mesmo, diferente. (Gomes, 1999).

A diversidade cultural, fala sobre os indivíduos saberem respeitar os direitos humanos, sem violá-los, com liberdade de expressão e reverenciarem plenamente sua identidade cultural. Sendo assim, pressupõe o respeito mútuo e a convivência pacífica, tornando um mundo mais justo e mais igualitário, de uma nova ética e de novos paradigmas que devem fundamentar a relação entre os povos a partir da herança das

criações e expressões simbólicas de cada um deles.

A defesa da diversidade cultural é um imperativo ético, inseparável do respeito à dignidade humana. Ela implica o compromisso de respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais, em particular os direitos das pessoas que pertencem a minorias e os dos povos autóctones. Ninguém pode invocar a diversidade cultural para violar os direitos humanos garantidos pelo direito internacional, nem para limitar seu alcance. (Disponível em: <http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy_of_pdf/decunivdiversidadecultural.doc. Acesso em: 13 de Junho de 2007).

Precisa-se olhar a diversidade de um jeito mais ampliado, que dê para entender as distintas questões da nossa realidade cultural diversa, e ao mesmo tempo saber respeitar sem preconceito a luta pelo direito e pelo reconhecimento das diferenças, que não se podem dar de forma separada e isolada e nem resultar em práticas culturais, e políticas e pedagógicas solitárias e excludentes.

A diversidade cultural é muito mais complexa e multifacetada do que pensamos. Significa mais do que a apologia ao aspecto pluriétnico e pluricultural da nossa sociedade. Pela sua própria heterogeneidade, a diversidade cultural exige de nós um posicionamento crítico e político e um olhar mais ampliado que consiga abarcar os múltiplos recortes dentro de uma realidade culturalmente diversa. O reconhecimento dos diversos recortes dentro da ampla temática da diversidade cultural (negros, índios, mulheres, portadores de necessidades especiais, homossexuais, entre outros) coloca-nos frente a frente com a luta desses e outros grupos em prol do respeito à diferença. (Gomes, 1999)

A diversidade é percebida, com freqüência, como variação, uma pluralidade. Há uma ligação direta entre sua proteção e a mundialização do ponto de vista político e econômico, que se individualiza pela liberalização em grande escala das mudanças econômicas e comerciais e, conseqüentemente, pela mercantilização da cultura.

A sociedade contemporânea tem se caracterizado por um contínuo e permanente quadro de transformações, por isso a importância de entender e levar a sério a diversidade. É preciso, segundo o Ministro da cultura Gilberto Gil, “Lutar pela diversidade. Ela não é um fato estático que apenas se reconhece, mas algo pelo qual se deve lutar.”

A diversidade cultural é percebida como a integração e não a superposição ou justaposição de culturas e que a sociedade na qual ela se exprime é, antes de mais nada, uma sociedade de conhecimentos compartilhados. (Ambrosi, 2005).

A diversidade cultural é, em certo sentido, o próprio reflexo da necessidade abrangente da múltipla diversidade de vidas na natureza, a fim de que essa possa como um todo renovar-se e sobreviver. A cultura é a “natureza” do homem. A diversidade cultural pode ser vista, por conseguinte, como a nossa “biodiversidade” - aquela que deveríamos preservar

Pode-se pensar na diversidade como uma saída, uma nova noção de desenvolvimento, com idéias de sustentabilidade e valorização. O desenvolvimento sustentável, criticando a forma tradicional de desenvolvimento, se obtém a partir do momento em que a conservação da biodiversidade passa a ser de suma importância e fundamental para os anseios mundiais de preservação.

Segundo o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, existe uma relação intrínseca entre natureza e cultura. A própria atuação dos Ministérios encarregados de cada uma das áreas mostra isso. De um lado está a biodiversidade, de outro a diversidade cultural. Não se deveria nem mesmo falar em Ministério do Meio Ambiente e em Ministério da Cultura. Ambos poderiam ser unificados no “Ministério da Vida”. A agenda ambiental e a agenda da cultural, portanto, exibem diversos pontos de contato. A crise ecológica é uma crise cultural e o inverso também é verdadeiro. (Disponível em: <http://www.culturalivre.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=179&Itemid=61>. Acesso em: 02 de Julho de 2007)

A biodiversidade, ou diversidade biológica, diz respeito à variedade de recursos vivos, biológicos ou genéticos, que fazem parte do planeta Terra e pode ser conceituada de acordo com o artigo 2 da Convenção sobre Diversidade Biológica: “Significa a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas”. Logo, o ser humano faz parte da biodiversidade do planeta.

É incoerente e antiético quando se fala sobre biodiversidade, o ser humano fazer com que o desenvolvimento de um país coloque em risco o meio onde vive e sua própria espécie, sem contar as diversas outras espécies que já foram extintas ou estão em fase de extinção.

A ética ambiental é uma filosofia de conservação e conscientização aos seres humanos para que não agridam a natureza, já que toda ação tem sua reação, e ele será o

mais prejudicado, pois faz parte integrante e depende principalmente do meio ambiente para suas necessidades básicas, como para se alimentar.

A ética ambiental estuda da conduta comportamental do ser humano em relação à natureza, decorrente da conscientização ambiental e conseqüente compromisso personalíssimo preservacionista, tendo como objetivo a conservação da vida global. (Disponível em < <http://www.ultimaarcadenoe.com/direitoetica.htm>>. Acesso em 04 de Julho de 2007)

A reação da sociedade ao se deparar com as diferenças sempre foi das mais variadas, sempre despertando tanto repudia quanto curiosidade. Os aspectos culturais e físicos imediatamente perceptíveis em cada pessoa, como vestimentas, estatura, cor da pele, etc., ressalta a singularidade mais aparente.

Povos da antiguidade se preocupavam com a organização das sociedades que descrevia, e não somente com os acontecimentos históricos. Os costumes mais estranhos, porém, sobressaiam aos que tinham a oportunidade de passar um tempo maior entre os “estrangeiros”.

Desde o passado remoto, as explicações sobre a diversidade humana sempre ressaltaram com mais ênfase os aspectos negativos dos “outros”, tendo como parâmetro as características positivas, físicas e culturais, dos povos cujo ponto de vista se pensava a diferença.

A humanidade teve reações variadas pelas diferenças que percebiam entre si e os vários povos com os quais tinham contato. Guerreiros; viajantes; comerciantes; e lendas relatavam a seus pares, desde a mais remota antiguidade, as exoticiades dos demais. As reações eram e são variadas: desde o medo e a repulsa, até a curiosidade e o apreço. (Disponível em: <<http://www.ghente.org/cienci a/diversidade/index.htm>>. Acesso em: 01 de agosto de 2007)..

As diferenças também podem ser bastante observadas no turismo. É essencial que haja infra-estruturas necessárias para recebê-los.

As leis brasileiras garantem aos portadores de necessidades especiais o exercício de seus direitos quanto ao turismo, cultura e lazer, mas a experiência do turismo inclusivo vai a passos lentos no país. Essa é uma questão que além de envolver uma série de idéias e atitudes que fazem alusão ao respeito, a diversidade, a solidariedade, a aceitação das diferenças; também precisa passar pela reengenharia de diversos procedimentos ligados ao

turismo, para que a inclusão possa ser efetivamente concretizada.

As pessoas bem treinadas e capacitadas são fundamentais para o desenvolvimento do turismo e seus diferentes segmentos. A segmentação do mercado faz surgir nichos cada vez mais específicos, como é o caso dos deficientes. Para que este possa desfrutar das mesmas oportunidades, é primordial que haja condições, tanto de profissionais quanto de mudanças na arquitetura, pois muitas vezes isto impede o acesso aos produtos ou atrativos turísticos.

O turismo é uma atividade econômica de prestação de serviços, que tem nos recursos humanos o seu principal elemento. O bom atendimento ao turista é o principal fator de avaliação do produto e existem localidades com enorme potencial turístico que não conseguem decolar seu desenvolvimento pela ausência de investimentos em capacitação de recursos humanos. O turismo depende de uma infinidade de serviços especializados, os quais, por sua vez, dependem de uma infinidade de profissionais com as mais variadas especializações. (Ignara, 2003, p. 72).

Uma ferramenta que pode ser considerada para diminuir a desigualdade social é o turismo inclusivo, através de suas atividades que proporcionam educação, entretenimento e cultura e os meios que as pessoas portadoras de necessidades especiais possam participar. Essas atividades turísticas possibilitam o respeito às diferenças e necessidades de cada pessoa, independentemente de suas limitações, aliando harmonia e respeito às comunidades e locais visitados.

O turismo inclusivo, portanto, engloba uma série de comportamentos e investimentos e principalmente alterações nos projetos arquitetônicos, para que os espaços possam também ser inclusivos, recebendo pessoas com necessidades diferentes.

Para entender o turismo inclusivo, fomos buscar os conceitos de hospitalidade do Marcel Mauss:

O ensaio sobre a dádiva de Marcel Mauss, diz respeito sobre as trocas (dar, receber e retribuir). O autor postula um entendimento da constituição da vida social por um constante dar e receber, como uma obrigação. Na epígrafe do ensaio sobre a dádiva, Mauss diz: "ao receber alguém, estou me fazendo anfitrião, mas também crio, teórica e conceptualmente, a possibilidade de vir a ser hóspede deste que hoje é meu hóspede. A mesma troca que me faz anfitrião faz-me também um hóspede potencial. Isso ocorre porque dar e receber implica não só em uma troca material, mas também uma troca espiritual". Entende-se então que para dar algo adequadamente, deve-se colocar um pouco no lugar do outro, e segundo o autor: "entender que recebendo algo de mim recebe a mim mesmo, como

seu anfitrião.

Como mencionado na obra de Mauss, o potlatch, ritual de oferta de bens e de redistribuição da riqueza onde a expectativa do homenageado é receber presentes também daqueles para os quais deu seus bens, competem entre si oferecendo-se mutuamente quantidades cada vez maiores de suas fortunas. Conclusão deve-se dar mais do que receber.

Há uma suposição no texto de que a diferença instituída na troca de dádivas nos salvaria da constante criação de diferenças estabelecidas pela troca mercantil. Para este o capitalismo se autodestruiria e seria sucedido por uma sociedade mais igualitária. Mas ao mesmo tempo, existe uma contradição, pois a troca de dádivas não exclui o interesse, sendo assim, não exclui a produção de desigualdade.

Essa teoria de Mauss é muito utilizada nos meios de hospedagem, quando se refere ao dar tudo o que possui, tudo de si, para agradar, no caso, um hóspede, onde esses rituais de entrega se mostram ser de uma pessoa muito hospitaleira.

Em todas as sociedades que nos precederam e que ainda nos rodeiam, e mesmo em numerosos costumes de nossa moralidade popular, não existe meio termo: confia-se ou desconfia-se inteiramente; depor as armas e renunciar à sua magia, ou dar tudo; desde a hospitalidade fugaz até às filhas e bens. Foi em estados deste gênero que os homens renunciaram a seu ensinamento e aprenderam a empenhar-se em dar e retribuir. É que eles não tinham escolha. Dois grupos de homens que se encontram podem fazer apenas duas coisas: ou afastar-se - e, caso suspeitem um do outro ou se desafiem, lutar - ou tratar-se bem. Até direitos bem próximos de nós, até economias não muito distanciadas da nossa, são sempre estrangeiros com os quais se 'trata', mesmo quando são aliados. (Mauss, 1974 p. 182).

Diante das informações sobre os diferentes tipos de diversidade tanto na sociedade quanto principalmente na hotelaria, chegou-se a conclusão que a diversidade é importante para as relações humanas. Na hotelaria está sempre lidando com os possíveis públicos existentes e deve-se saber lidar com todos eles, porque talvez seja essa a razão para que o empreendimento obtenha sucesso no ramo de prestação de serviço.

O temor é que as diferenças sejam um motivo de desigualdades, que questões como sexo, cor de pele, religião, orientação sexual, condições físicas, classe social, idade, entre outras tantas diferenças objetivas, assumam uma relevância que determine o tipo de

relação que as pessoas terão com a sociedade, amor, trabalho, cultura, bens e riquezas produzidos, futuro e vida. Mesmo quando há algumas características marcantes, básicas, como o fato de ser homem ou mulher, isso não pode determinar quem ganha mais ou menos, a classe social pertence, entre outros preconceitos estabelecidos atualmente pela sociedade.

A sociedade ainda tem dificuldades para compreender por completo o que é diversidade humana. As pessoas estão preocupadas com questões étnicas, raciais e sociais, mas ignoram a diversidade humana, as diferentes manifestações do ser humano. Desde pequenos, ignoramos essa questão, somos educados para esquecer e separar aqueles que possuem algum tipo de deficiência, como se eles não fizessem parte da Sociedade. (Meirelles,2007)

Quando esses traços são entendidos como pertencentes a minorias. No caso dos homossexuais, a sociedade não os enxerga como qualquer ser humano e sim como algo anormal. Eles são vistos como seres doentes que deveriam receber tratamento e, os atos homossexuais são transgressores e, necessitariam de punição legal e dissuasão social.

Esta intolerância é o maior vilão da não integração destes grupos, tanto gays quanto lésbicas, à sociedade. Ela impede a normalidade da vida destas pessoas, fazendo com que estas se sintam culpadas de terem este comportamento sexual, que na verdade pertence somente a cada uma delas independente da qualquer outro comportamento ditado pela sociedade como sendo normal.

O uso da palavra homossexualidade ao invés de homossexualismo é um bom exemplo, pois, além de o sufixo “ismo” trazer uma carga semântica de conotação negativa e frequentemente tida como inadequada para designar a sexualidade no sentido atualmente adotado pela psicologia e ciências correlatas, a palavra homossexualismo é considerada ofensiva, dado o histórico ligado a atividades clínicas, quando o homossexual era considerado portador de deficiências ou desvios psíquico-sexuais. Como hoje não é mais considerado doença, pela Organização Mundial da Saúde, o termo foi mudado para livrar este estigma. Hoje se usa “homossexualidade” (para se referir ao universo LGTTB - lésbicas, gays, travestis, transexuais e bissexuais - em geral) e “homoerotismo” (restrito ao comportamento sexual).

Outro erro freqüente, segundo psicólogos, é considerar a homossexualidade como opção sexual ou orientação. Primeiro ninguém é “orientado” a ser homossexual. Segundo,

se o homossexual tivesse “opção” de controlar seus sentimentos e desejos talvez escolheria a heterossexualidade para sofrer menos preconceito, ter maior liberdade para se relacionar e ser aprovado pela família. O mais indicado, então, seria tratar a homossexualidade como uma manifestação natural da sexualidade. Já os rumos que ela toma podem ser tão conflitantes, problemáticos e até promíscuos quanto os da heterossexualidade. Aí sim é questão de opção.

Opta-se por usar a palavra homoerotismo à de “homossexualismo” por três principais razões: a primeira é de ordem teórica. Interpretar a idéia de ”homossexualidade” como uma essência, uma estrutura ou denominador sexual comum a todos os homens com tendências homoeróticas é incorrer num grande erro etnocêntrico. Primeiro, porque o uso desse termo exclui toda e qualquer alusão à doença, desvio, anormalidade, perversão etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra “homossexual”. Segundo, porque nega a idéia de que existe algo como “uma substância homossexual” orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro, enfim, porque o termo não possui a forma substantiva que indica identidade, como caso do “homossexualismo” de onde derivou o substantivo “homossexual. (Costa, 1992).

A PARADA

A primeira parada da cidade de São Paulo aconteceu em 1997 e apesar da coragem e ousadia dos militantes do movimento homossexual, que saíram as ruas. A passeata não teve grandes repercussões na mídia. A quebra de paradigma aconteceu no ano 2.000, quando um grupo de empresários com atuação em vários setores, como agência de turismo, livraria, editoras, consultoria, captação, eventos e assessoria de imprensa criaram um projeto estratégico de comunicação para transformar o evento.

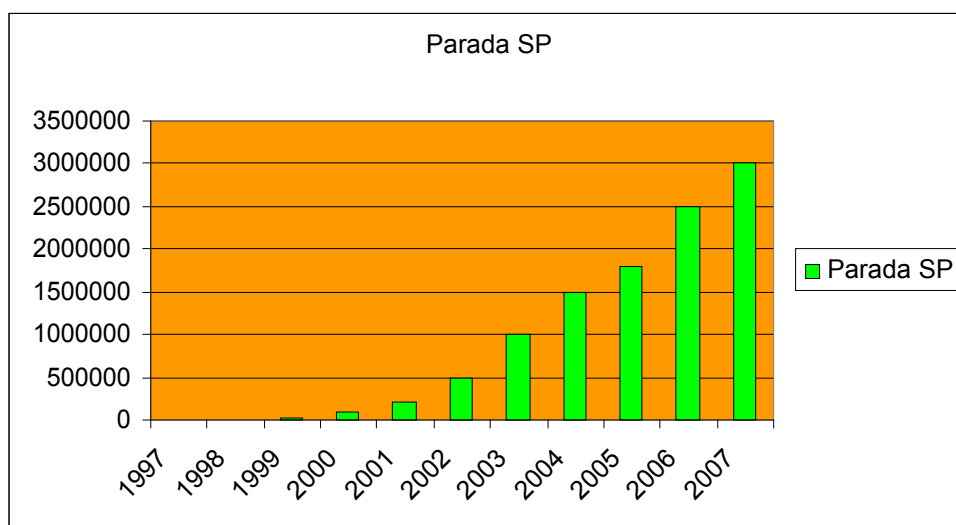
“No início as notas sobre a parada eram produzidas por iniciativa particular de alguns jornalistas, com o tempo os veículos passaram a dar um tratamento de grande parte, alocando um maior número de profissionais para acompanhar mais de perto a movimentação... O ano da virada, 2000, foi significativo para a cobertura da imprensa, os 100 mil que ocupavam a Paulista foram bem fotografados e, pela primeira vez, o evento recebeu mais de uma página nos principais jornais da cidade” (PARADA 10 ANOS DO ORGULHO GLBT EM SO: 2006, pág 57)

As estratégias elaboradas pelo grupo de empresários em conjunto com os militantes procuraram dar realce as questões relacionadas com visibilidade da comunidade homossexual. É curioso lembrar que além da contratação de uma assessoria de imprensa, criação de uma frase de efeito para abrir os *releases*. “São Paulo Gay Capital da América Latina, 100 mil pessoas na Av. Paulista. Já o material publicitário, *banner*, anúncios de mídia imprensa, cartazes, *posters*, faixas traziam o seguinte slogan “Celebrando o Orgulho de Viver a Diversidade”.

O planejamento estratégico foi elaborado para mais duas edições do evento, com o reforço da palavra diversidade, nas próximas paradas, cujos temas foram Abraçando a Diversidade e Educando para a diversidade.

Além das ações relacionadas com comunicação o grupo gestor do evento criou uma série de atividades culturais para agregar valor ao evento e um calendário de ações, para toda semana que antecede o evento. Estrategicamente a data da Parada foi fixada no domingo posterior ao feriado de Corpus Christi. Como o feriado acontece sempre em uma quinta-feira, em toda a América Latina, isso possibilita uma inserção do evento nas áreas de turismo e hotelaria. Assim foram desenvolvidos eventos como A Festa no Arouche, uma feira cultural de Rua, no centro da cidade de São Paulo e o *Gay Day* no Hopi Hari, um parque de diversões localizado há 50 quilômetros, da cidade de São Paulo.

Com estas ações a Parada atingiu números significativos como pode ser observado no gráfico abaixo:



1997: 300
1998: 2.000
1999: 35.000
2000: 100.000
2001: 200.000
2002: 500.000
2003: 1.000.000
2004: 1.500.000
2005: 1.800.000 – A Maior Parada do Mundo
2006: 2.500.000
2007: 3.000.000

Temos hoje um grande desafio à nossa frente, que consiste na construção de sociedade plurais, onde a diversidade seja um eixo condutor para erradicarmos todas as formas de discriminação e intolerância. (REINAULDO, 2001)

Neste artigo procuramos analisar a diversidade sobre vários aspectos como o cultural, ambiental e social e embasar a discussão com referências na hospitalidade e no turismo. O texto também apresenta a Parada Gay de São Paulo, um evento que é um fenômeno pelo número de participantes e também pela celebração da diversidade. O evento tem uma intrínseca relação com a comunicação. Os meios de comunicação de massa são ao mesmo tempo legitimadores do movimento, colaboram na construção da identidade da comunidade homossexual e são responsáveis pela visibilidade da manifestação.

Referências

BULGARELLI, R.S. A Diversidade e a Experiência de Fazer Juntos, disponível em www.unicrio.org.br

COSTA, Jurandir Freire. A Inocência e o vício. Estudos sobre o homoerontismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992

GOMES, Nilma Lino. Educação e Diversidade Cultural: Refletindo Sobre as Diferentes Presenças na Escola. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1999

PARADA 10 ANOS DO ORGULHO GLBT. Editora Produtiva, São Paulo 2006

REINAULDO, Franco. Guia Brasil GIS. Edições GLS, São Paulo, 2001

IGNARRA, L.R. Fundamentos do Turismo, 2 ed. São Paulo: Thomson, 2003

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, São Paulo: EPU/Edusp, 1974

MEIRELES, F. Carta de Março: Juventude, Diversidade Humana e Pobreza Pensadas Junto disponível em <http://amaivos.uol.com.br>

www.abratgls.com.br

www.unesco.com.br